

## **OS MEUS FILHOS E OS DELES: OS FILHOS DA ESPERANÇA**

Maria Simone Vione **Scwengber** – UNIJUÍ

Agência Financiadora: CNPQ-UNIJUÍ

### **Resumo**

Esta pesquisa investiga de que forma a maternidade adolescente interfere na vida de meninas-mulheres pobres que experimentam tal processo. Trata-se de estudo longitudinal em que um grupo de dez meninas-mulheres é acompanhado por mais de oito anos, olhando, assim, a imanência da vida. A questão foi compreender os sentidos e significados da experiência materna que se estabelece entre as histórias de vida. Os dados mostram que a experiência materna é marcada por uma série de dificuldades, tais como: descobrem (ou admitem) a própria gravidez no 4º ou 5º mês, a barriga cresce com aquela ideia “vou deixar como está para ver como fica depois”, têm medo do aborto, pensam que a vida iria se resolver com “ajuntamento”. Das narrativas referidas nas histórias é possível localizar um conjunto de abandonos (da infância, da escola, da condição juvenil, do profissional) a que essas meninas-mulheres são expostas. Assombradas pelo desamparado, têm nos filhos esperança, amparo, proteção.

**Palavras-chave:** Meninas-mulheres. Pobreza. Maternidade.

## **OS MEUS FILHOS E OS DELES: OS FILHOS DA ESPERANÇA**

### **VIDA DAS MULHERES IMPLICADAS EM PESQUISAS**

Este artigo é desdobramento de pesquisa que selecionou adolescentes grávidas atendidas no Centro de Atendimento aos Adolescentes do Município de Ijuí (Caambi RS),<sup>1</sup> cadastradas na Secretaria de Ação Social de Ijuí<sup>2</sup> (RS) que mantém Programas Socioeducativos Familiares (Asefs). Como pesquisadora, tenho voltado meu olhar, de

---

<sup>1</sup> É um ambulatório da Secretaria Municipal da Saúde de Ijuí (RS), específico para o atendimento a adolescentes na faixa dos 12 aos 18 anos.

<sup>2</sup> Ijuí é um município brasileiro de pequeno porte, localizado no interior do Estado do Rio Grande do Sul, com uma população de aproximadamente 78.990 habitantes, com taxa populacional urbana de 87% e rural de 13%. Ijuí é uma cidade que se destaca regionalmente como prestadora de serviços, especialmente na área da saúde e educação, por atender mais de 48 municípios. Ijuí é conhecida como terra das culturas diversificadas pela mistura de várias etnias que a compõem. Ijuí apresenta, conforme a Secretaria de Planejamento e Coordenação, taxa de analfabetismo de 4,78% e tem uma expectativa de vida ao nascer de 69,14 anos, e coeficiente de mortalidade infantil de 11,43 por mil nascidos vivos.

modo mais epistemológico e curioso, para a compreensão das representações da(s) experiência(s) materna(s) de mulheres pobres.<sup>3</sup> Assim, para este artigo escolhi uma das narrativas (trajetória) que venho acompanhando há oitos anos; por isso o presente trabalho pode ser compreendido como um estudo longitudinal e, de algum modo, de inspiração etnográfica.

As narrativas históricas tradicionais deram pouco espaço às narrativas maternas de mulheres pobres, como destaca Perrot (2005). As mulheres, geralmente recolhidas e silenciosas no interior das casas, nos hospitais e postos de saúde, raramente aparecem nos documentos públicos e somente deixaram vestígios quando perturbaram a ordem e/ou desafiaram costumes e normas; para Perrot (2005), talvez por ser a memória das mulheres uma “memória vestida.”<sup>4</sup> Martins (2005) também destaca que, mesmo documentos oficiais, durante muitas décadas, trazem geralmente dados sobre as mulheres e não fala das mulheres.

Fidalgo (2003) aponta, de um lado, a escassez de referência, na literatura, a estudos das narrativas de mulheres-mães e de suas experiências maternas. Por outro lado, destaca a quantidade de conselhos de peritos, de explicações médicas, psicológicas e educacionais, de discursos prescritivos de ordem moral e de recomendações sobre como as mulheres devem ser mães.

No presente artigo busco compreender as representações<sup>5</sup> e os significados da(s) maternidade(s) no contexto da narrativa (trajetória) de vida de uma mulher que se tornou mãe ainda na adolescência.<sup>6</sup> Nas palavras de Beauvoir (1999, p. 19), “a mulher não existe”; ser mulher é algo do “tornar-se”. A mulher como um ser em construção. Foucault (1988) também nos ensina a pensar as subjetividades e as identidades inscritas nos meandros das experiências de si, do tempo, da história. As mulheres não constituem uma uniformidade, mas talvez uma unidade que reúne sentidos diversos; elas são, sim,

---

<sup>3</sup> A mensuração, no que respeita ao delineamento da definição da linha de pobreza para o Brasil, varia entre as instituições que as calculam. O Banco Mundial tornou popular a noção de linha de pobreza para quem ganha menos de U\$1,25/dia. No Brasil, é comum a utilização da linha da pobreza de ½ salário mínimo por mês de renda per capita como medida de pobreza, ou, ainda, tendo como base uma cesta mínima de consumo e outras despesas básicas, como vestuário, transporte e habitação. O conceito de pobreza, porém, é bem mais amplo, pois não se limita à renda e sim à privação de capacidades básicas (SEN, 1999).

<sup>4</sup> Pela riqueza que elas apresentam das representações dos acontecimentos (PERROT, 2005).

<sup>5</sup> A noção de representação está geralmente conectada às perspectivas que defendem o caráter produtivo da linguagem, dos discursos (MEYER, 2006).

<sup>6</sup> A adolescência, conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1989), é compreendida como o período entre 10 e 19 anos, e a juventude (expressão de cunho mais cultural) se iniciaria na metade da adolescência, abrangendo o período dos 15 aos 24 anos.

um efeito social e cultural. Ainda que na contemporaneidade as subjetividades<sup>7</sup> e identidades<sup>8</sup> femininas sejam múltiplas, entendo que categorias, como gênero e classe, se constituem em elementos importantes para a compreensão da maneira como as mulheres pensam e constroem a vida cotidiana. Já assinalo de saída que não existe um único roteiro para viver a maternidade.

## OPÇÕES METODOLÓGICAS

A análise que proponho gira em torno da narrativa (trajetória e vida), levando em consideração o embate contínuo entre o eu subjetivo e as vozes que circulam social e culturalmente, produzindo, assim, identidades. Proponho-me a compreender o processo de construção da história de Raquel (uma das meninas-mulheres pesquisadas), incluída na categoria de memória e de vivência como depoimento narrativo. Por se tratar de um texto discursivo (FOUCAULT, 2010), não obedece a um determinado modelo. Meu interesse foi o de compreender os significados maternos discursivos construídos por Raquel, olhando as arestas de uma narrativa de vida e as fendas das potências que dão mobilidade às diferentes posições identitárias.

Utilizei na metodologia as noções de discurso de Foucault (2010), considerando algumas perspectivas da existência de Raquel em um centramento do sujeito afetado e atravessado por discursos e pela história. As considerações teóricas que fundamentaram o sujeito em análise do discurso propõem que este seja tomado como um “lugar”, uma “posição” a ser ocupada, e relaciona o sujeito (sua identidade) em um jogo de força que envolve saber, poder, desvios e astúcias (FOUCAULT, 2010).

Elegi a história oral temática, problematizando temas relacionais como história familiar e escolar, vulnerabilidade social e conjugalidades e reconhecimentos sociais vinculados ao cotidiano. Trabalhei arduamente com as próprias narrativas discursivas, deixando o discurso aparecer na complexidade que lhe é peculiar, nos enunciados e nas posições de sujeito (SCHWENGBER, 2006). A análise do discurso, na perspectiva foucaultiana, compreende o discurso como um ato social e estuda as relações enunciativas

---

<sup>7</sup> Para Foucault (1988), a subjetividade é engendrada pelas práticas e pelas técnicas de si organizadas por meio de saberes e poderes dos discursos, num campo de forças.

<sup>8</sup> Identidade(s) não tomada(s) aqui como individualidade(s), nem como um processo estático (e definido), mas como processo aberto que envolve uma incessante reorganização de significados culturais, com os quais nos relacionamos nos contextos socioculturais. Assim, entendo as identidades como múltiplas e plurais, podendo ser assumidas, ao mesmo tempo, pelos mesmos ou por diferentes atores sociais (SILVA, 2000).

que atravessam a linguagem, no sentido de que as palavras “não são apenas expressões que se dissolvem, mas elas têm o corpo e o peso da história” (LOURO, 1997, p. 140).

Trago, então, a seguir, a narrativa de Raquel.<sup>9</sup>

## **DO DESAMPARO ÀS FORTALEZAS: A MATERNIDADE ESCRREVENDO OUTRA HISTÓRIA**

Raquel tem 21 anos. Mora na periferia da cidade de Ijuí(RS). A mãe de Raquel é analfabeta e tem 40 anos. Raquel tem 11 irmãos de pais diferentes. Raquel diz:<sup>10</sup> *na casa onde nasci eu não me lembro de mim sozinha, nem mesmo tomando banho. Era tudo um “bolo.”*

Raquel conta que ficou grávida com 13 anos, em uma das primeiras relações afetivas com um companheiro mais velho. Raquel explica: *eu só me dei conta quando estava no 4º mês. Fazer o que; a barriga crescia e eu com aquela ideia vou deixar como está para ver como fica depois. Não pensei em aborto. Aborto é um sofrimento. Tenho medo. Tenho amigas que foram maltratadas no hospital por causa disso.*

Continua contando. *Assumi minha gravidez, e, assim, fui morar num “puxado”, como dizem popularmente, no pátio da casa dos pais de seu companheiro. Raquel respira, suspira e diz: sabes, vou te dizer: eu estava feliz de barriga. Acreditava no amor. Acreditava que ia transformar para melhor a minha vida. Engravidar, para mim, pelo menos, foi bom (...), foi uma forma de ir morar com o meu companheiro e sair daquela casa, pois lá eu precisava dividir tudo.*

Raquel lançou mão de seu corpo (sua sexualidade) como um meio para a ocupação de um lugar no mundo social – “a maternidade que se desdobra e a faz integrar-se no mundo do social (cultural), afirmando a representação da identidade mulher = mãe” (MEYER, 2006, p. 12). Com a gravidez, parece que para Raquel se abre uma possibilidade de criar uma obra: um filho. Reinventam-se muito cedo como mulher-mãe, a partir do rígido e limitado lugar de menina “pobre” (MEYER, 2006).

Raquel confessa que imaginou que “*iria ter o filho, casar para viver feliz, para ter família, para ter uma casa*”. Passado mais ou menos um ano e meio, porém, Raquel

---

<sup>9</sup> A entrevista transcrita, em sua versão final, foi entregue à entrevistada para obtenção de sua autorização para uso mediante a Carta de Cessão, de acordo com as diretrizes éticas para proteger entrevistados.

<sup>10</sup> Utilizo a formatação itálico quando apresento os depoimentos discursivos da própria Raquel.

deu-se conta de que engravidou, como ela mesma diz: *por causa de um amor de um homem que nem valia, mas, repara, ele me deu filhos lindos. Sabes, minha vida piorou. Aí, minha sogra era “pica”* (leva o polegar direito em direção à boca, expressando que a ex-sogra era alcoólatra). *Era uma família de louco. Ele, o Andersom, descobri que era viciado: bebia, fumava um mesclado, uma mistura de crack com maconha. Tu sabes, eu também comecei a beber e fumar. Quando meu sogro morreu, as coisas pioraram naquela casa... som alto, que começava de tarde, cachaça; quando tinha dinheiro, cerveja. Os vizinhos chamavam a polícia. Eu ficava pronta para correr; me escondia quando ouvia uma sirene. Já imaginou? Eles podiam tirar meu filho, tirar tudo que eu tenho. ...se soubesse o que sei hoje... não iniciava a minha vida sexual tão cedo, nem deixava a escola.*

*Quando eu vi, estava no fundo do poço; não tinha mais disposição para trabalhar e bebia e fumava cada vez mais. Aí, eu lembro que, um dia, eu fui tão humilhada, mas humilhada demais pela minha sogra. Meu marido, quando bebia, ele caía, se urinava todo, mas dormia. E minha sogra era violenta. Ela dizia: “você não vale nada! Meu filho casou com uma pobre e ainda está ficando gorda”. Engraçado, não se olhava, porque ela também era uma gorda e velha. Dizia coisas assim: “você não vale nada. Eu não sei por que ele te escolheu.” Aí, foi quando eu pensei assim: quer saber, eu vou embora daqui.*

*E aí fui embora. Foi aquela tristeza, porque eu tinha, assim, sonhado em ter um marido, uma casa. Mas, aí a responsabilidade de ser mãe falou mais alto. Deixei todas essas coisas e fui à luta. Tinha meu filho, eu ia lutar por ele; eu tenho um compromisso. E aí procurei um pastor e contei a minha situação; claro, eu não contei tudo, e ele disse que eu tinha morrido espiritualmente. Mas eu sabia que eu não podia morrer; **tinha um filho para criar**. Por ele, tinha que lutar, batalhar, trabalhar.*

*Raquel sorri e diz: sabes, a minha luta começou desde que nasci e parece que ela não tem prazo para terminar. Porque, logo que me separei, **descobri que estava grávida de novo e aí agora tinha dois**. Sabes, a gente não pode silenciar. E aí comecei a ir todos os dias na Assistência Social, ir atrás do meu direito de ganhar um terreninho. E as mulheres lá do Cras<sup>11</sup> já não podiam nem me ver, mas me ajudaram*

---

<sup>11</sup> O Centro de Referência de Assistência Social (Cras) é uma unidade pública estatal centralizada das Políticas Nacionais de Assistência Social (PNAS)

*muito, porque eu tinha paciência de ficar lá esperando. Elas me colocavam a participar de vários grupos; eu participava, eu queria meu terreninho, meu cantinho, a minha casa para criar os meus filhos do meu jeito.*

*Minha mãe, apesar da grande quantidade de filhos, ela me acolheu, sempre me ajudou, e, quando preciso, eu deixo eles lá até hoje. Lá é assim: um cuida do outro desde cedo. Na casa da minha mãe tinha muita gente. As mulheres do Cras sabiam disso; até o Conselho Tutelar sabia. Eles conhecem e sabem que era gente demais na casa da Fátima. Assim, eu ganhei terreno e comecei o meu cantinho com tábuas e mistura de papelão. Construí uma única peça, sem janelas, e não havia mobília para além de um colchão negro, cheio de manchas.*

*Tu não vais acreditar, mas **tive o meu terceiro filho**; o outro não tinha nem um ano e eu estava grávida de novo. Conheci o Álvaro, e ele me mentiu [dizendo] que era solteiro e que trabalhava na construção civil. Era um homem rápido, direto. Eu achei que era honesto. Antes mesmo de esse nosso filho nascer, deu a sola.<sup>12</sup> Ele desapareceu, mas eu fui atrás dele para pagar pensão. Lutei, demorei, mas descobri seu paradeiro.*

*Sabes, eu fiquei muito tempo sem água e luz. Tomava banho e lavava roupa lá na mãe, com as três crianças. **E foi por eles que eu fui à luta.***

Raquel, ao invés de se desesperar diante das dificuldades e dos relacionamentos afetivos falhos, tira quase sempre o melhor de si. Junta os “cacos” da própria história e vai adiante. Raquel diz: *olha, ainda bem que agarrei filhos, e não uma doença, como essa aids. Eu tenho uma prima que se contaminou.*

Nesse ínterim, Raquel e seus três filhos batizaram-se na Igreja Evangélica Pentecostal Caminho da Salvação. O pastor afirmou que, a partir do batismo, “nasceria uma nova criatura, por dentro da palavra de Deus”. *De fato, eu renasci. O provérbio religioso que aprendi – Ajuda-te, e Deus te ajudará – eu repito toda hora.*

Por coincidência, logo que Raquel começou a frequentar essa Igreja conheceu Gabriel, seu atual companheiro. Ele tem 41 anos e é 20 anos mais velho que Raquel. Gabriel acabou de se separar: *sua mulher fugiu e o deixou com três filhos – duas meninas e um menino.* Gabriel logo pediu Raquel em casamento, pois essa Igreja não

---

<sup>12</sup> Expressão equivalente a “deu no pé”.

permite ter relação sexual antes do matrimônio. Como afirma orgulhosamente Raquel, eles se casaram *na lei dos homens e na lei de Deus*.

Raquel está muito motivada com a Igreja e reconhece que *a vida é cheia de dificuldades, de sofrimentos, mas o pastor nos ensina que isso é necessário para o nosso crescimento. Se a gente for fiel a Deus, dedicada, honesta, responsável, a vida nos devolve bênção, prêmio. O pastor motiva para que os dois (nós, o casal) crescamos*<sup>13</sup> *juntos através do envolvimento na missão. O pastor sempre diz: “mostra o teu esforço, faz obra, faça por merecer”*.

Agora Raquel está com seis filhos e orgulhosamente diz: ***os meus e os deles. Minha responsabilidade triplicou, porque os deles também são meus. Lá no cadastro***<sup>14</sup> *do Cras está no meu nome. Raquel destaca que, para Gabriel (seu atual companheiro), tudo é difícil quando o assunto são os filhos. Parece que são um fardo, um castigo que a mulher deu para ele. Para mim, não. Como está no meu nome, assinei um termo de responsabilidade. Eu educo, tenho paciência. Não me canso de trabalhar para dar as coisas para eles; eu me viro.*

Observo Raquel como uma subjetividade apaixonada e comprometida com a vida, com as suas maternidades. Ela diz: *ele bate nas crianças. Eu não. Eu converso. Eu explico para as gurias (que são as filhas dele), pois elas já são quase mocinhas, que eu fui mãe com 13 para 14 anos, mas eu aconselho e quero que elas estudem, se cuidem. Eu ensino as gurias a serem caprichosas, para terem um emprego bom, uma história limpa. Eu torço para que elas sejam grandes na vida e estudem. Raquel reclama: Daniel é muito bruto; é um homem do mato, mesquinho, nervoso, não sabe dar carinho nem para mim nem para os filhos. Com os filhos dele ele é um pouco melhor. Os filhos dele são mais agarrados (apegados) em mim do que nele. Raquel sonha com carinho e amor; sonha com leite, carne, pão, dinheiro, estudo para seus filhos.*

Raquel confessa que a vida com Gabriel *está ficando difícil; sabe como é casamento; mas eu já amo os filhos dele, e os meus, nem se fala*. Raquel tornou-se adulta cedo, aprendeu a esperar menos das circunstâncias da vida e conta mais com sua

---

<sup>13</sup> A Teologia da Prosperidade está intimamente relacionada ao sistema econômico neoliberal. As práticas religiosas nessa direção são incentivadas como compromisso dos dois, do casal, e acopladas a práticas socioeconômicas em consonância com a lógica do neoliberalismo (MARIZ; MACHADO, 2004).

<sup>14</sup> O cadastro do Programa Único para programas sociais do governo federal (2014), com o Bolsa Família, Segurança Alimentar, Tarifa social de Energia Elétrica.

habilidade para lidar com elas. Poderíamos dizer que a realidade não tem sido gentil com Raquel. Ela, porém, não se entrega e tem esperança: *os meus filhos são o que me move todos os dias, o que me faz levantar da cama*. É dura a batalha de Raquel; a miséria produz um acúmulo de marcas que conduz a um alto grau de marginalização. Raquel foi se tornando cada vez mais gorda; é negra, não escolarizada, mora na periferia, é profissionalmente desqualificada, não consegue emprego formal,<sup>15</sup> apenas trabalhos degradantes do ponto de vista social, sem direito de garantia mínima. Ela trilha um caminho com inúmeras adversidades, mas nunca deixa de acreditar em um futuro melhor para si e para os filhos. Ela não abandona o sonho de ter uma vida melhor, mesmo que por meio dos filhos – os filhos da esperança.

### **ASSOMBRADA PELO ABANDONO TEM NOS FILHOS ESPERANÇA**

A narrativa de vida de Raquel possibilita-nos trazer para debate uma série de questões. O que escolho é tão importante quanto o que fica por dizer. Tento, neste movimento analítico, disciplinar-me e responder ao objetivo inicial que lancei neste artigo. A partir da narrativa da Raquel emergiram dois núcleos de significações: a dimensão dos abandonos, a repetição do ciclo da pobreza e a possibilidade de um novo percurso de amparo e esperança a partir da maternidade.

Trazer a narrativa de Raquel aqui é pensar um mundo que é o mundo do *nós*, como ensina Arendt (2003). Um olhar sobre a narrativa de Raquel supõe reconhecer que as condições adversas de vida impactam e produzem um conjunto de situações de abandono, desamparo. Abandono desde a forma precária de vida a que ela (e seus irmãos) é exposta até o abandono da infância, da escolarização, da juventude, da profissionalização. Ressignificar a vida por meio dos filhos – dela e deles – e ter esperança, foram as palavras que nortearam a narrativa de Raquel.

É possível pensar na narrativa de Raquel o enunciado de Sartre (1997, p. 14): “o importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós. O que fizeram e o que Raquel fez de si?”

Assim, olhando a narrativa de Raquel mais demoradamente, pode-se ver sua primeira gravidez como uma estratégia, mais ou menos consciente, de obter controle de

---

<sup>15</sup> Raquel ora faz trabalho na prensa em uma cooperativa de catadores, ora nas colheitas de pendão do milho, em limpeza pesada pós-obras e feiras municipais.



sua existência, de alcançar um *status* talvez mais individualizado de amparo, de proteção. No caso de Raquel, percebe-se que a organização primária de sua família, ligada a carências (de quase todas as ordens: afetiva, social, econômica), produz certo desamparo. Estava na hora, como diz Raquel, de *ser dona da própria vida*. A chegada da adolescência parece que a autorizou a alcançar as relações afetivas, sexuais. Salem (1995) ajuda-nos a compreender que a adolescência na pobreza produz pequenos cortes e que talvez o sexual seja o principal; geralmente as meninas pobres têm uma existência pouco potente, como curtir a vida (a juventude), zoar, se divertir, estudar.

As duas irmãs de Raquel também engravidaram na adolescência. Como ela disse inúmeras vezes: *já cuidávamos dos nossos irmãos*. Cuidar era entendido como o mais *útil que uma mulher pode saber e aprender*. A maternidade de Raquel surge como uma possibilidade de deixar o papel materno que lhe era delegado e de assumir o seu, talvez na esperança de que sua vida pudesse melhorar. É possível entender a posição identitária da maternidade como uma válvula de escape e de possibilidade de amparo para Raquel, que, assim, vai se relacionar com outro mundo.

A gravidez (a prova da sua maturidade pessoal) associada à conjugalidade, configura-se o paraíso ilusório, um ideal. Raquel buscou certo padrão ideal, de mulher-mãe-casada (“ajuntada”). O casamento e a gravidez (a fecundidade), para ela, são posições de dignidade e de prestígio. A condição de mulher para a sua missão fundamental de ser mãe confere-lhe a posição identitária que corresponde aos apelos de uma lógica feminina tradicional que tem como horizonte o lar (família) e a maternidade. A dignidade de Raquel parece que depende dessa condição e posição. Além disso, a pobreza torna-se mais penalizadora para as mulheres como Raquel, a que se soma a iliteracia como mais uma posição identitária de exclusão. Sabe-se que a(s) identidade(s) se realiza(m) por meio das experiências de vida e das próprias relações ante os mais diversos acontecimentos – no caso de Raquel a gravidez, os filhos, os companheiros. Dessa forma, a(s) identidade(s) ganha(m), a cada momento, uma nova configuração e se encontra(m) em um permanente estado de invenção.

O que chama atenção na história de Raquel é que os filhos lhe dão um novo modo de ser, uma nova posição identitária e ela mesma se redesenha, se reposiciona em posições que exigem ação, cooperação e cuidado da vida. Os filhos abrem o corpo e a alma de Raquel às sensações de **mulher-mãe-responsável** pelo cuidado com eles; as vidas de seus filhos passam por dentro da vida dela, como uma responsabilidade

primeira dela. Observa-se que **Raquel se desfaz dos companheiros, mas não se desfaz de seus filhos.**

Para Fonseca (2004), as mulheres pobres começam cedo e terminam tarde a carreira de mãe, e o longo período de reprodução se soma à alta taxa de instabilidade conjugal. Parece que os problemas conjugais têm outra dimensão nesse contexto, uma vez que a relação de poder homem-mulher passa a ter uma posição mais igualitária. Homens e mulheres podem prover, juntos ou separados, os seus lares, e o dinheiro não é mais o fator que os mantêm ligados. Raquel, por exemplo, *arregaça as mangas e vai à luta*, embora reconheça suas dificuldades e angústias, sabendo que criar os filhos torna-se um pesado sacrifício.<sup>16</sup>

Raquel “aguenta”; faz o possível para manter seus filhos junto dela, assegurando-lhes condições mínimas de vida, e luta pela casa, por um teto. Nesse caso, a maternidade encontra-se constituída em uma relação intersubjetiva, em uma relação de dupla afetação; mãe e filho afetam-se e influenciam-se na constituição de sua subjetividade e de sua posição como sujeito-cidadão. Os filhos significam responsabilidade, uma categoria moral que se apresenta para a grande maioria dos pobres; a vaidade que requer posição identitária de responsável porque traz os preceitos de uma obrigação moral em relação aos seus iguais (maternidade responsável, valor da sociedade contemporânea) (SCHWENGBER, 2006). Os filhos foram dando a Raquel um estatuto de maioridade, de responsável pelo próprio destino, o que implicou, por exemplo, luta pela casa própria. A casa parece constituir um elo importante; a casa configura sua família: *“minha casa é pobre, mas não trocaria por nada; é o lugar em que vivo com meus filhos, minha família”*.

A casa vincula-se à valorização do lar e da posição de mãe, em um universo simbólico que faz Raquel *mulher*, na posição identitária de mulher-mãe. Casa e filhos constituíam-se um par, mas parece que algo ainda estava incompleto a ponto de Raquel mobilizar-se em busca de novas relações de conjugalidade amorosa, e ela acaba casando com Gabriel (e seus três filhos).

---

<sup>16</sup> Especialmente quando não se conta com um sistema de educação infantil. Vários são os pré-requisitos no município de Ijuí para a criança conseguir creche. Entre eles, a carteira de trabalho assinada da mãe. Raquel vive da informalidade, da precarização e da desproteção do trabalho. Além disso, as escolas infantis fazem uma série de exigências em relação a horário, fraldas, leite em pó, que nem sempre Raquel tem.

Raquel mobiliza-se nessa sua última relação conjugal como mãe e como madrasta – a responsável. Ela diz: *abri as portas para os filhos dele*. Sua responsabilidade triplicou, porque os filhos de Daniel também são seus filhos e estão cadastrados em seu nome no Cras. Os filhos dão cidadania (via Cartão Brasil Sem Miséria), um lugar e visibilidade para as mulheres pobres. A questão “quem sou eu?” toma uma importância contínua dentro da vida contemporânea. Sennett (1988) afirma que o eu de cada um se tornou seu próprio fardo. É possível percebermos como o discurso dessa política pública<sup>17</sup> deposita a responsabilidade no sujeito (no caso em Raquel). Judith Butler (2003) sensibiliza-nos a pensar que as identidades são construídas por um conjunto de discursos familiares, políticos, jurídicos, econômicos, religiosos e das políticas públicas. Sob o poder performativo desses discursos também se ensina a ser mulher e ser homem. No que diz respeito aos gêneros,<sup>18</sup> para Butler (2003) a nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de normas. Dessa maneira, tem-se o estabelecimento de contornos, limites e restrições, ou seja, é a mulher Raquel, a mãe responsável, a que carrega via Cartão (cidadã). Assim, Raquel se mobiliza para corresponder minimamente aos atributos normatizados pelo Cras.

Raquel diz: *eu honro meu compromisso*, pois o termo de adesão no Cras é assinado por ela – *eu sou a responsável pelo benefício*. A partir da definição do enunciado de Foucault,<sup>19</sup> pode-se pensar que *eu sou responsável* tem a capacidade de delimitar e conduzir o campo de possibilidades da existência. Trata-se de práticas discursivas que regulam e produzem feminilidades. Pode-se pensar, a partir do pressuposto de que os gêneros<sup>20</sup> são performativos, que são produtos de práticas discursivas que geram feminilidades. O gênero é vivido como uma interpretação, um jogo de interpretações. Butler (2003), ao desenvolver o conceito de performatividade, alia-se noção de identidade (subjetivação) de Foucault. Com isso, propõe que a

---

<sup>17</sup> Do Brasil sem Miséria, que unifica os programas de transferência de renda condicionados ao governo federal em um único Cadastro de Benefícios – Sistema Único de Assistência Social (Suas) – que vincula Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Cartão Alimentação e Auxílio-Gás. As bolsas são vinculadas à participação em programas municipais associados a ações socioeducativas.

<sup>18</sup> Para Butler, o gênero implica significados culturais que são, sobretudo, performativos. Aqui performatividade não é um ato singular, pois é sempre uma reiteração “de uma norma ou conjunto de normas (...) de fato, sua teatralidade é produzida” (2003, p. 167).

<sup>19</sup> Foucault (2010, p. 99) define enunciado como “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que [essas unidades e estruturas] apareçam com conteúdos concretos no tempo e no espaço”.

<sup>20</sup> Gênero empregado aqui como diferenças sociais entre homens e mulheres, como uma primeira maneira de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995).

identidade se forja por meio de performances repetidas, que, por sua vez, são produtos de discursos reguladores preexistentes, como é o caso das políticas públicas. Consequentemente, a identidade é resultante da repetição de atos discursivos e não deles precursora. Tais reiterações de uma norma, como a da mãe responsável, devem-se também ao que Butler (2003, p. 15) denomina “inteligibilidade social”, que é “aquilo que se produz como consequência do reconhecimento de acordo com as normas sociais vigentes”.

Podemos pensar que se trata, portanto, de uma questão de sobrevivência de Raquel no social a partir do reconhecimento pelo outro. Quem provê o bem-estar dos filhos senão Raquel – a mãe? Raquel é impelida a conduzir sua vida de acordo com normas regidas pela cultura das políticas públicas, sendo valorizada pelos resultados alcançados, ao mesmo tempo em que é incitada a investir na posição de identitária da mãe responsável, a aperfeiçoar-se a fim de manter e produzir certo seu reconhecimento.

É necessário um cuidado de Raquel consigo mesma na busca de enquadramento como mãe responsável. Essa valorização deve-se primordialmente à fragilidade (econômica e de outras ordens) em que Raquel vive. Existem valores apreciados e destacados pelas políticas que fazem com que os sujeitos retornem a si na busca do autoconhecimento e do trabalho sobre si, para que, assim, potencializem suas performances e se adaptem aos modos de produção. Nessa nova conjuntura, almejar ser uma mãe responsável é buscar a segurança que isso propicia, como ocorre por meio dos benefícios da inserção de Raquel (e de sua família) nos mecanismos de seguridade social contemporânea. Os mecanismos utilizados pelas políticas públicas atuam de maneira a conduzir os indivíduos a acreditar que, mediante “suas atitudes”, representam, em certa medida, a dignidade do sujeito-cidadão (BAUMAN, 2005). Assim, as políticas públicas acabam por atuar na produção das identidades, pregando modos de vida compatíveis com determinados estilos; neste caso, o da mãe responsável.

Algumas mulheres, como Raquel, percebem que, sendo uma mãe responsável, adquirem importância e poder em poucas ocasiões na vida, em uma “atividade” que as diferencia dos homens. Então, passam a construir a posição da mãe responsável com o sentido esperado pelo Estado. Tratar da cidadania de mulheres como Raquel é pensar em um processo paradoxal que envolve a participação feminina na esfera pública, por meio de políticas e programas marcados por inclusões e exclusões, como destaca Pinto (2001). A cidadania contemporânea representa para as mulheres, ao mesmo tempo, uma

oportunidade e um desafio. Por um lado, existe a oportunidade de ocupar o cenário político, público. Por outro, há o desafio, como mostram Klein (2010) e Meyer, Klein e Fernandes (2012), quando grande parte das políticas e programas legitima uma responsabilidade unicamente feminina, desconsiderando o lugar do homem/pai dentro da estrutura familiar na criação e educação dos filhos. Para as autoras, essas políticas posicionam as mulheres como as principais responsáveis pelo cumprimento das condicionalidades, seja participando das atividades programadas das políticas, seja zelando para que os demais membros da família cumpram com as exigências, como frequência escolar, atenção à saúde e cuidados. Mais uma vez o sujeito mulher é diluído na noção de família.

Outro ponto que chama atenção na narrativa de Raquel é que ela não conseguiu fluir no percurso educacional. Ela, no entanto, almeja que os filhos estudem e tende a valorizar a educação escolar como uma condição para atingir trabalho próspero e conquistas financeiras. Raquel aposta na possibilidade de a escola melhorar o futuro de seus filhos. Ela tenta entrar na ordem discursiva contemporânea que prescreve o imperativo da escolarização para o êxito na vida. Ela diz: *espero que eles estudem, cresçam e tenham um futuro melhor que o meu, que aprendam na escola, não é? É isso que a gente deseja. Eu tenho esperanças na escolarização dos meus filhos.* Ser mãe/pai é ser agente de continuidade entre as gerações, mas é, também, ser simultaneamente capaz de assegurar a descontinuidade, os limites e a diferença entre as mesmas gerações.

### **LONGE DE CONCLUIR**

Iniciei este artigo enunciando que o que me interessa é a voz das margens, (...) sujeitos que não encontram quem os ouça, e que têm uma “experiência de abismos” (NIETZSCHE, 2000, p. 14), mas que, mesmo diante do abismo, dançam (NIETZSCHE, 2000). Poderia afirmar que Raquel, diante do abismo, tem esperança. “Há mais esperança nos meus passos do que tristeza nos meus ombros” (Cora Coralina). As entrevistadas tocaram meu coração não com tristezas, mas com esperança.

O investimento analítico não se propõe como conclusivo e explicativo. Longe de concluir, ele busca, sim, manter aberto o diálogo sobre essa problemática e dar abertura e contribuição ao debate.

Confesso que acompanhar e registrar a travessia de Raquel foi (é) difícil, mas, ao mesmo tempo, é uma alegria. A alternância entre alegria contagiante e profunda tristeza perpassa meus sentimentos quando me deparo com narrativas como essa. Alegria pela esperança e disposição que vejo na luta pelo trabalho (emprego), como também luta pelo comprometimento com os filhos e com o mundo que Raquel possui. Trazer a narrativa de Raquel é evidenciar que nem todas as mulheres vivem a maternidade da mesma maneira, e também pensar o quanto a experiência da maternidade é profundamente historicizada. É pensar também que Raquel (e **outras mulheres**) pode(m) ser mais do que um ser que procria.

Entendo que essa temática está longe do fim, sobretudo a problematização do quanto “as mulheres carregam bem mais que os homens o peso da miséria” (PERROT, 1995, p. 145) e a(s) própria(s) maternidade(s). Meninas-mulheres, como Raquel, marcadas pela força da miséria e da pobreza, carregam o peso da crueldade da vida, abatidas, mas vivas. São um contraste de receios e de esperanças. Esperança. O desenho de uma ética do cuidado com a vida – a dela (a da Raquel) e a dos filhos – ou talvez de sua dignidade e sua cidadania por meio dos filhos.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BARROS, Manoel. *Poemas concebidos sem pecados*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BEAUVOIR, Simone. *A Biography*. New York: Summit Books, 1999.
- BUTLER, Judith L. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FIDALGO, Lurdes. *Reconstruir a maternidade numa perspectiva discursiva*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- FONSECA, Claudia; TERTO, Veriano; ALVES, Calef (Orgs.). *Antropologia, diversidade e direitos humanos: diálogos interdisciplinares*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Rio de Janeiro: Loyola, 2010.

KLEIN, Carin. *A educação de mulheres como mães e professoras no Programa Nacional Uma “Infância Melhor”*. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARIZ, Cecília L.; MACHADO, Maria Dores. “Sincretismo e trânsito religioso”. *A Dança do sincretismo – comunicações do Iser*, v 45, n, 13, 2004.

MARTINS, Ana Paula Vosne. O Estado, as mães e os filhos: políticas de proteção à maternidade e à infância no Brasil na primeira metade do século XX. In: *Humanitas*, v. 21, n. 1/2, 2005.

MEYER, Dagmar. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. *Gênero*, Niterói, RJ, Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero, Nuteg, vol. 6, 2006.

MEYER, Dagmar; KLEIN, Carin; FERNANDES, Letícia. Noções de família em políticas de inclusão social no Brasil contemporâneo”. *Estudos Feministas*, v. 20, n. 2, maio/ago. 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Os discursos de Zaratustra e das cátedras da virtude. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

PERROT, Michelle. *As mulheres e os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: Edusc, 2005.

PINTO, Céli Regina. O paradoxo da participação política das mulheres no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 49, p. 98-112, mar./maio 2001.

SARTIR, Cynthia Andersen. *É sina que a gente traz: ser mulher na periferia*. São Paulo: FFLCH; USP, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. *Donas de si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

SEN, Amartya. *Development as Freedom*. New York: Alfred A. Knopf, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Salem, Tania. *Mulheres faveladas: “com as vendas nos olhos”*. Perspectivas Antropológicas da Mulher 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 16, n. 2, jul./dez. 1995.

SENNETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.